



LEITURAS SOBRE O COTIDIANO, A COTIDIANIDADE E A CENTRALIDADE DO ESTUDO DA VIDA COTIDIANA NA REPRODUÇÃO DO URBANO

READINGS ABOUT EVERYDAYLIFE, DAILY AND THE CENTRALITY OF THE STUDY
OF EVERYDAY LIFE IN THE URBAN REPRODUCTION

Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega
nobregap84@gmail.com

Resumo

A produção do espaço, na atualidade, reflete a condição do modo de produção capitalista e indica que o mundo contemporâneo caminha para uma inevitável urbanização completa da sociedade, principalmente ao assumirmos a dimensão teórica a obra de Henri Lefebvre. A urbanização completa revela o urbano como fenômeno social e espacial simultaneamente. Faz-se indispensável entender a sociabilidade do homem como uma condição para a reprodução social de forma ampliada. Com isto, percebe-se que a reprodução do urbano (que é a reprodução da sociedade como totalidade) obedece a uma dimensão da estruturação produtiva dos sistemas econômicos e a uma reprodução da vida em todos os seus matizes. Apesar da centralidade geral atribuída à dinâmica econômica, a vida dos sujeitos sociais tem relevância quando se pretende estudar a realidade para além da lógica do capital. O objetivo deste texto é trazer ao debate leituras sobre o cotidiano, a cotidianidade e a vida cotidiana a fim de revelar a centralidade da vida cotidiana para entender a reprodução do urbano.

Palavras-chave: Vida Cotidiana, Cotidiano, Urbano, Produção do Espaço.

Abstract

The production of space, today, reflects the condition of the capitalist mode of production and indicates that the contemporary world is headed towards an inevitable complete urbanization of society, especially as we take on the theoretical dimension the work of Henri Lefebvre. Complete urbanization reveals the urban as a social and spatial phenomenon simultaneously. It is essential to understand the sociability of man as a condition for social reproduction in an enlarged form. One can perceive that the reproduction of the urban (which is the reproduction of society as a whole) obeys a dimension of the productive structure of economic systems and a reproduction of life in all its shades. Despite the general centrality attributed to economic dynamics, the life of social subjects is relevant when one intends to study reality beyond the

logic of capital. The purpose of this text is to bring to the debate readings about daily life, everyday life and daily life in order to reveal the centrality of daily life to understand the reproduction of urban.

Keywords: Everyday life, Daily, Urban, Production of Space.

Introdução

O urbano como fenômeno moderno síntese da produção e reprodução das relações de produção e das relações sociais com base no modo de produção capitalista, em sentido amplo, apresenta-se como uma chave importante para entender o mundo atual. Ao recuperar o diálogo com Lefebvre (2008, p. 26) “o urbano (abreviação de “sociedade urbana”) define-se [...] como horizonte, como virtualidade iluminadora. [...] é o possível, definido por uma direção, no fim do percurso que vai em direção a ele”. Os estudos do urbano e das relações contidas e geradoras do mesmo aparecem, de certa forma, simplificadas, como o plano pelo qual as ações relacionadas à reprodução social estão sendo realizadas; o urbano emerge como o vínculo real que possibilita a ação e o pensamento coletivo e individual no tempo presente, uma vez que o urbano apresenta concreticidades preenchidas de determinações de múltiplas ordens.

Condição de materialização do urbano, o espaço urbano pressupõe uma trajetória, ou seja, um caminho de realização, por isso está preenchido de processos históricos não lineares, subsumidos em múltiplas escalas que marcham desde o Estado até a vida cotidiana. O exame cuidadoso da produção do urbano como o reflexo da reprodução social revela uma prática social que se equivale a uma prática urbana. “Ao longo do processo histórico constituidor da humanidade, o espaço se encerra como uma das grandes produções humanas, superando a sua condição de continente” (CARLOS, 2015, p.14).

Faz-se urgente entender que as múltiplas determinações que produzem o espaço não o produzem como uma simples junção de coisas, muito longe disto, o espaço é o resultado de um processo complexo de produção social, dos meios de produção e das subjetividades envolvidas na reprodução da vida de todos os sujeitos que compõem a sociedade.

(...) o espaço (social) não é uma coisa entre as coisas, um produto qualquer entre os produtos; ele engloba as coisas produzidas, ele compreende suas relações em sua coexistência e sua simultaneidade: ordem (relativa) e/ou desordem (relativa). Ele resulta de uma sequência e de um conjunto de operações, e não pode se reduzir a um simples objeto. Todavia, ele não tem nada de ficção, de uma irrealidade ou “idealidade” comparável àquela de um signo, de uma representação, de uma ideia, de um sonho. Efeito de ações passadas, ele permite ações, as sugere ou as proíbe. Entre tais ações, umas

produzem, outras consomem, ou seja, gozam os frutos da produção. O espaço social implica múltiplos conhecimentos (LEFEBVRE, 2006, p. 29).

O espaço é entendido como campo de forças produtivo capaz de engendrar determinações que revelam um projeto (ou um contra-projeto) de homem, de sociedade e de mundo; impõe marcas muito particulares a tudo e a todos; o espaço da modernidade se reduz e se amplia, em um movimento dialético, em que, como definiu Lefebvre (2006), faz-se perceber a existência de um espaço abstrato que tenta se impor como verdade, e, um espaço social (concreto) que revela o movimento e as trajetórias da vida.

O espaço social só pode ser entendido como um conjunto de relações, por isso ele não se apresenta como um superproduto ou como o produto dos produtos. Do ponto de vista teórico e prático, não pode ser entendido mais como meio vazio, passivo ou palco. O espaço é uma base material concreta, formado junto com a sociedade e as coisas produzidas pelo trabalho social, por isso pode ser trocado, consumido e desaparecer. O espaço entra nas relações de produção e compõe as forças produtivas; aparece como produto e elemento constituinte da sua produção, o espaço se dialetiza, ou seja, entra como parte fundamental das relações econômicas, políticas e sociais.

O espaço, resultado da construção social, torna-se síntese de processos complexos: descoberta-produção-criação¹, que tem como característica fundamental a simultaneidade, ou seja, o espaço não é isso ou aquilo, mas a reunião do isso e do aquilo compreendidos por um conjunto complexo de inter-relações que contêm as abstrações e as materialidades.

É importante destacar que a modernidade cria um espaço falsificado, ou melhor, um espaço expressão do signo moderno, ou seja, a busca pelo novo e belo como artifícios da sociedade do espetáculo e do consumo. Este espaço da modernidade, segundo Lefebvre (2006, p. 6), “tem características precisas: homogeneidade-fragmentação-hierarquização”.

(...) tende ao homogêneo por diversas razões: fabricação de elementos e materiais – exigências análogas dos intervenientes -, métodos de gestão e de controle, de vigilância e de comunicação. Homogeneidade, mas não de plano, nem de projetos. De falsos “conjuntos”, de fato isolados. Pois paradoxalmente (ainda) esse espaço homogêneo se fragmenta: lotes, parcelas. Em migalhas! O que produz guetos, isolados, grupos pavilhonares e pseudoconjuntos mal ligados aos arredores e aos centros. Com uma hierarquização estrita: espaços

¹ “O conceito de espaço religa o mental e o cultural, o social e o histórico. Reconstituindo um processo complexo: descoberta (de espaços novos, desconhecidos, de continentes ou dos cosmos) – produção (da organização espacial própria a cada sociedade) – criação (de obras: a paisagem, a cidade com a monumentalidade e o décor). Isso evolutivamente, geneticamente (com uma gênese), mas segundo uma lógica: a forma geral da simultaneidade, pois todo dispositivo espacial repousa sobre a justaposição, na inteligência e sobre a reunião material, de elementos dos quais se produz a simultaneidade...” (LEFEBVRE, 2006, p. 6).

residenciais, espaços comerciais, espaços de lazer, espaços para os marginais etc. (LEFEBVRE, 2006, p.7).

A condição de vida na modernidade, que é ao mesmo tempo condição social e condição espacial, nega a condição humana; nega a possibilidade de realização da vida como uma totalidade capaz de produzir estruturas sociais menos desiguais.

O espaço se apresenta como um produto que caminha desde o concebido até o vivido, mas é no vivido que se revela como possibilidade de compreensão da vida. É no sentido da realização da vida que os estudos sobre a reprodução do espaço ganham centralidade, uma vez que o vivido problematizado e investigado possibilita entender a verdade do espaço, enxergando o movimento do real, capturado na construção da vida cotidiana.

A chave de compreensão para entender os processos desiguais que mantêm o capitalismo como elemento hegemônico, sem que para isso ele tivesse que resolver seus conflitos internos, está na produção do espaço a partir das relações sociais próprias a sua existência, emerge uma prática social, que mais tarde irá possibilitar a emergência de uma prática social urbana.

Sabe-se que Henri Lefebvre refletiu profundamente sobre estas questões e dedicou-lhes, inclusive, mais de uma obra. Movia seu interesse saber por quais meios o capitalismo, como uma formação social em processo, conseguiu atenuar sem resolver, durante um século, as suas contradições internas. Como desenvolvimento das forças produtivas seguiu seu curso. Qual o preço disso? Por quais meios? Foi então que sem hesitar respondeu: ‘isso sabemos-lo nós: ocupando o espaço, produzindo um espaço’. O espaço integra as relações sociais e vai propiciando unidade teórica e prática ao conjunto social” (SEABRA, 2003, p. 15).

“A produção do espaço aparece como produção da existência humana” (CARLOS, 2008, p. 36), por isso, se de um lado, parece-nos evidente que cada vez mais a reprodução da vida em sociedade compreende as dimensões econômicas e os circuitos da produção (produção, circulação, troca, consumo), de outro lado, ela está composta necessariamente da manifestação das condições sociais, dos conflitos postos, das superações, dos desejos e dos sonhos. A materialidade do mundo moderno é cada vez mais determinada pelos termos impostos pela sociedade do lucro, mas também compreende – ainda que seja nos resíduos destas relações, na periferia não capturada completamente, nas resistências – a solidariedade como uma dimensão possível da condição humana.

Sem desconsiderar a importância da imposição vertical das determinações político-econômicas, destaca-se que a resposta ou os constrangimentos às imposições verticais se dá na

ordem da reprodução da vida dos sujeitos em coletividade, daí surge a preocupação em estudar a vida cotidiana como centralidade na reprodução do urbano.

O cotidiano como expressão do mundo moderno

Lugar da reprodução do homem simples, imposição do modo de produção capitalista, ação sem reflexão (prática sem filosofia). O cotidiano se apresenta como repetição, a burocratização da vida do homem comum, com ele emerge um roteiro, um programa que imobiliza e neutraliza a capacidade de reprodução como espontaneidade. Acompanhemos o texto “Cadê meu tempo que estava aqui?” do professor Átila de Menezes Lima:

1:30 da madrugada.../Dois goles de café.../Preciso dormir.../Não consigo.../Meu corpo está cansado.../Minha cabeça não consegue parar de se preocupar com as demandas.../3:30, a musculatura dói.../O cérebro não consegue raciocinar, as palavras trocam de lugar, as vogais estão a flutuar.../O corpo cai sonolento na escrivaninha.../Num supapo pra frente quase caio no chão.../Levanto e vou dormir... e a mente trabalhando, seria isso a mais-valia relativa atrapalhando minhas funções biológicas?? Marx escreveu sobre isso??/7:30 o despertador me chama, acorda, “mete os peitos pelos fundos que na frente tem gente”. O mundo grita: “corra pra me acompanhar”.../Com medo de o mundo me atropelar, saio da cama, cabeça cheia.../Espírito pobre, sem poesia, diminuindo meu amor.../Jogo uma água no corpo... Visto uma roupa amassada.../Não tenho tempo de fazer meu próprio café.../Vou à padaria, terceirizo minha alimentação... Engulo um pão e uns goles de café, pois preciso chegar a tempo na reunião de 8:30.../Cheguei à reunião, muitas demandas pra resolver... O zap assinala que várias pessoas querem se comunicar virtualmente, pois “não existe mais tempo” pra nós vermos... Seria isso, essa tal mais valia relativa??... Marx debateu sobre isso??/Depois desta reunião, preciso sair correndo, tenho outra reunião pra participar.../12:00 do dia... Terminamos.../Corro, preciso engolir o almoço, não posso mastigar, isso é pra quem tem tempo.../Estou vivendo “o dia e não o sol, à noite e não a lua”... e a poesia vai morrendo, o amor diminuindo e a falta de tempo se multiplicando.../Como pode? Com tanta tecnologia era pra ter mais tempo livre e não falta do mesmo... E esse tal de Marx escreveu sobre isso?? Será essa tal mais-valia relativa.../“Engolido o alimento”, meu organismo digere com dificuldade, um entalo no peito, uma queimação, os sucos gástricos parecem ficar mais ácido, querendo voltar junto com o que comi. De repente a bÍlis grita: para um pouco, tá ruim aqui... Desacelera.../Começo a ficar com falta de ar... Não posso parar agora... Tenho mais uma reunião, deixa de ser fraco penso eu comigo mesmo, que macho é tu?/O psicológico fica querendo me culpar, será que a culpa é minha mesmo?? Indago-me... Que pressão nas subjetividades.../A caminho da reunião... penso no que tenho que fazer amanhã, vixe!!! Não olhei meus e-mails, pode ter tido alguma demanda... Fico com mais falta de ar, minha subjetividade e o moralismo começam a gritar comigo: Seu irresponsávellllll, desorganizadoooooooo, que coisa feiaaa seuuuuuuu!!!!/Respiro fundo... Estou atrasado 15 minutos... São 14:15... Vixe, tem uma manifestação na frente barrando a rua... Que chato, logo

agora??? O que eles reivindicam???/Alguém na rua fala, tempo pra ser feliz, pra viver, pra trabalhar com dignidade e ter tempo pra outras coisas.../Outros dizem, isso são um bando de vagabundos, não tem o que fazer... Saiam da frente, grita um motorista nervoso, vou botar o carro por cima se não saírem, grita outro.../No meio do tumulto, vejo crianças brincando na praça, se encontrando com a vida, com aquela linda ingenuidade e amor que os adultos perderam, pois foram educados pela “burocratizon” e pelo fetichismo da mercadoria que vós ensinaram que tem que gerarem o mais-valor... Lá vem esse tal de Marx de novo.../Depois de sorrir vendo as crianças, volto a ficar sério... rua desbloqueada... 45 minutos atrasado... Droga, porque não consigo controlar meu tempo??? Com tal pergunta me assustei!!! Que coisa assustadora, eu controlar meu tempo... Tira essas ideias da cabeça, falo eu comigo mesmo.../14:45, o tempo não para, não para não dizia o poeta que foi engolido pelo tempo.../Reunião a mil... 18:00 terminamos.../Corre, tem mais trabalho às 20:30... Pé na estrada, paisagens passam no retrovisor, semblante cansado... sem jovialidade, sem brilho no olhar... Quem está roubando minha coragem, meus sonhos...???/Lembrei-me de uma cena que me representaram de uma criança que derrepente em sala de aula gritou: devolva minha vida mundo cruel!!!.../Que reflexão espontânea e carregada de uma carga filosófica imensa fez aquela criança... Porque os adultos não pensam assim??? Perguntei-me. Será que tem haver com a sociedade da burocratizon??? E com essa tal mais-valia relativa? Lembrei de imediato de Zeca baleiro ao cantar: “eu demiti o meu patrão, desde o meu primeiro emprego (... , não posso cantar, o moralismo condena), ele roubava o que eu mais-valia e eu não gosto de ladrão, ninguém pode pagar por minha vida mais vadia, eu demiti o meu patrão”.../Passei 30 minutos refletindo.../Perca de tempo refletir tanto... Preciso escrever algo... Não tenho tempo.../Será??? Que reclamão eu sou... Só reclamo... Será que sou reclamão mesmo?/Respiro fundo, procuro não pensar em nada.../Com alguns minutos, lembrei-me dos amores da vida... Das paixões ardentes... Dos relacionamentos que se desencontraram no tempo, por falta de tempo, em meio aos tempos, nas diferentes temporalidades vividas.../Pensei em namorar... mas quem vai querer um ser “sem tempo”??? Uma pessoa que não pode dar carinho, atenção pra ouvir o outro... Fiquei triste.../Parece que a humanidade não tem mais tempo pra ser humana, pra conversar sobre conversas... Pra refletir e agir coletivamente, estamos caindo na mesquinhez individualista, onde as “ronião” são pra discutir individualidades.../20:30 ... 22:00... Depois de um tempo chego em casa... Vou tentar escrever um artigo refletindo sobre o país... faz 20 dias que tento terminar... Quero escrever sobre outras coisas... Não consigo refletir... Nossa, são 23:59, vai começar outro dia.../O dia virou... Não terminei esse artigo, não fiz poesia, não arranjei uma companhia pra conversar simplicidades e complexidades e mais um dia se foi.../Estou tendo a impressão que não vivo pra mim, pensei.../E o tempo dedicado pra minha pessoa, onde está??? Cadê meu tempo que estava aqui?/A mais-valia relativa comeu... (LIMA, 2017)

O tempo e o ritmo da vida coletiva se aceleram no mundo moderno, o homem assume papéis sociais, a vida coletiva segue uma forma estandardizada, quase não há lugar para o acaso, a criação é negada em nome da produção e da produtividade, instaura-se o cotidiano. Apresentado como inevitabilidade do tempo do capital, o cotidiano surge como um projeto do

tempo moderno e reflexo de um modo de vida urbano, reflexo de uma organização social imposta pelo espaço e pelo tempo do capital e só pode ser entendido na experiência vivida.

Entendido como negação do pensamento filosófico o cotidiano guarda em si, contudo, a possibilidade de descobrir coisas, de desvendar ações, de registrar movimentos, trajetórias, tendências, fluxo, movimento; o cotidiano se equivale à sucessão de acontecimentos. O cotidiano, acontecimento em movimento, é resultado, em última estância, da banalidade e banalização da vida no urbano, materializada pelo ritmo da cidade; apresenta-se como uma imagem, uma representação da cidade.

A cidade e a vida na cidade se misturam, repetem-se os signos, os jeitos, os roteiros a trama, mas nem tudo é exatamente igual, nem para todos, nem para um em particular, mas há, sem lugar a dúvidas, um ritmo, um roteiro, uma agenda, um programa. Quem programou? Quem criou os códigos e os papéis? Qual o limite entre as faculdades possíveis e as faculdades utilizadas; o cotidiano afoga, impermeabiliza, condensa, homogeneíza.

O poema apresentado acima revela um dia, o curso de um dia alucinante, revela a cotidianidade, revela o homem da modernidade, aquele que é passivo-ativo, que obedece a um ritmo frenético que dita os sentidos da vida cotidiana e reflete a busca alucinada por obedecer ao ritmo da reprodução ampliada do capital. A vida cotidiana apresentada através do ritmo da metrópole veloz revela um homem cindido, estranhado de si mesmo. Ao mesmo tempo em que revela um sujeito implicado, cooptado, frenético e envolvido em tudo, revela também um homem pasteurizado que não se deixa, nem pode, deixar-se absorver por nenhum processo vivido. Toda experiência é superficial e apressada. O ser humano deste cotidiano está aqui e alhures, mas sempre em uma experiência fragmentada; é um fruidor e por isso nunca permanece. Esta parece ser a condição imposta no âmbito do cotidiano, o que revela uma forma de ser na modernidade.

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda sua intensidade. O homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda sua intensidade (HELLER, 2008, p. 31).

Como resultado da imposição de um modo de produção que precisa roteirizar os movimentos dos sujeitos em um padrão de consumo que toque a todos, o cotidiano se impõe como equivalente ao moderno e por isso se propõe universal. Ao mesmo que universal e universalizante, o cotidiano permite o desvio, apenas como campo cego, como possibilidade não capturada. De alguma forma o repetitivo, equivalente ao produto, pode se tornar criação ressignificado no âmbito da vida cotidiana, alguma possibilidade de surgir como obra.

A oitenta milhas de distância contra o vento noroeste, atinge-se a cidade de Eufêmia, onde os mercadores de sete nações convergem em todos os solstícios e equinócios. O barco que ali atraca com uma carga de gengibre e algodão zarpará com a estiva cheia de pistaches e sementes de papoula, e a caravana que acabou de descarregar sacas de noz-moscada e uvas passas agora enfeixa as albardas para o retorno com rolos de musselina dourada. Mas o que leva a subir os rios e atravessar os desertos para vir até aqui não é apenas o comércio das mesmas mercadorias que se encontram em todos os bazares dentro e fora do império do Grande Khan, espalhadas pelo chão nas mesmas esteiras amarelas, à sombra dos mesmos mosqueiros, oferecidas com os mesmos descontos enganosos. Não é apenas para comprar e vender que se vem a Eufêmia, mas também porque à noite, ao redor das fogueiras em torno do mercado, sentados em sacos ou em barris ou deitados em montes de tapetes, para cada palavra que se diz – como “lobo”, “irmã”, “tesouro escondido”, “batalha”, “sarna”, “amantes” – os outros contam uma história de lobos, de irmãs, de tesouros, de sarna, de amantes, de batalhas. E sabem que na longa viagem de retorno, quando, para permanecerem acordados cambaleando no camelo ou no junco, puseram-se a pensar nas próprias recordações, o lobo terá se transformado num outro lobo, a irmã numa irmã diferente, a batalha em outras batalhas, ao retornar de Eufêmia, a cidade em que se troca de memória em todos os solstícios e equinócios (CALVINO, 2006, p. 38-39).

No texto de *Átila*, na crônica realista-fantástica de Calvino, no movimento concreto da vida, no acontecer do mundo: o cotidiano revela um programa, mas não lhe escapam possibilidades, os relatos dão conta de pessoas em movimento, todos exercem um trabalho, realizam uma tarefa, cumprem uma agenda, múltiplas agendas, do tempo e espaço da casa, da firma, do escritório, da rua, do transporte público, da cidade, das trocas, das histórias.

“Ao cotidiano, conjunto do insignificante (concentrado pelo conceito), responde e corresponde o moderno, conjunto dos signos pelos quais essa sociedade se significa, se justifica, e que faz parte da sua ideologia” (LEFEBVRE, 1991, p. 30). O cotidiano se apresenta como signo do moderno. Cotidiano e Moderno se confundem, entrelaçam suas condições, suas representações. Entretanto, o cotidiano só se faz sentir em contraposição ao não cotidiano (ao extraordinário), ao que rompe o programa, rasga o texto e se realiza como um dia anormal dentro da normalidade cooptada.

Cotidiano e moderno se tornam equivalentes, o primeiro construído através da insignificância, da banalidade, como movimento do impensado e desarticulado de uma reflexão filosófica – reino do vivido. O segundo se realiza como representação, como sentido e ideia organizadora – como princípio de ação e ideológico pelo qual a sociedade se revela, como unidades do movimento de determinação da vida, da prática banal e banalizada, naturalizada e esvaziada de sentido que ao mesmo tempo em que se perde aos referenciais do homem comum, justifica, contraditoriamente, como condição da sua existência, a definição dos parâmetros ideológicos que o constitui.

Ao tratar do cotidiano, necessariamente ajustamos o pensamento para tratar da cotidianidade, sem que essa cotidianidade seja reflexo direto ou trate necessariamente do cotidiano, a cotidianidade existe no âmbito da racionalidade, assim como tal, ela revela o movimento do cotidiano de forma racionalizada. Se o cotidiano está para o moderno, a cotidianidade está para modernidade.

Tratando-se do cotidiano, trata-se, portanto, de caracterizar a sociedade em que vivemos, que gera a cotidianidade (e a modernidade). Trata-se de defini-la, de definir suas transformações e suas perspectivas, retendo, entre os fatos aparentemente insignificantes, alguma coisa de essencial, e ordenando os fatos. Não apenas a cotidianidade é um conceito, como ainda podemos tomar esse conceito como fio condutor para conhecer a “sociedade”, situando o cotidiano no global: o Estado, a técnica e a tecnicidade, a cultura (ou a decomposição da cultura). (LEFEBVRE, 1991, p. 35).

O cotidiano e a cotidianidade não se auto definem. A cotidianidade emerge de um posicionamento filosófico que olha e classifica aquilo que não é filosofia. A cotidianidade não é e não reflete o cotidiano, ela é o esforço do pensamento filosófico para entender o movimento imposto pelo cotidiano. A apreensão da cotidianidade não se dá como uma faculdade do homem cotidiano, ela só se realiza como produto do raciocínio do homem filosófico, daquele que enxerga o mundo concreto de cima e de longe, que não se envolve nas suas determinações e não se realiza através da vida cotidiana.

A cotidianidade não pode se restringir ao puramente filosófico, ela é a reflexão filosófica sobre o não-filosófico. O cotidiano não se revela no seu processo de observação, ele só existe como um conjunto de práticas banais; não se resume apenas a uma condição inferior do mundo vivido, ele traz em si a possibilidade de repetição, de naturalização, de aplicabilidade das forças de criação, ele é o lugar da realização de uma forma viver. A cotidianidade só existe como momento, como condição da modernidade, como diz Lefebvre (1991, p. 30): “a cotidianidade e a

modernidade. Esta é uma auréola daquela e a encobre, ilumina e esconde. São as duas faces do espírito do tempo”. O cotidiano, no limite da reflexão, revela o que tem de mais próprio, ou naturalizado, da atividade criadora.

O cotidiano, como conjunto de atividades em aparência modesta, como conjunto de produtos e de obras bem diferentes dos seres vivos (plantas, animais, oriundos da *Physis*, pertencentes à Natureza), não seria apenas aquilo que escapa aos mitos da natureza, do divino e do humano. Não constituiria uma primeira esfera de sentido, um domínio no qual a atividade produtora (criadora) se projeta, precedendo assim criações novas? Esse campo, esse domínio não se resumiria nem a uma determinação da subjetividade dos filósofos, nem a uma representação objetiva (ou “objetal”) de objetos classificados em categorias (roupas, alimentação, mobília etc.). Seria algo mais: não uma queda vertiginosa, nem um boqueio ou obstáculo, mas um campo e uma renovação simultânea, uma etapa e um trampolim, um momento composto de momentos (necessidade, trabalho, diversão – produtos e obras – passividades e criatividade – meios e finalidade etc.), interação dialética da qual seria impossível não partir para realizar o possível (a totalidade dos possíveis) (LEFEBVRE, 1991, p. 19-20).

Apesar da repetição, do aprisionamento, do programa e da definição inerente à condição de ação sem reflexão, o cotidiano contém em si a possibilidade de revelar os desafios, os dramas, os contextos e enredos que alimentam a vida social. O cotidiano ajuda a revelar a vida cotidiana – uma forma de ser e agir no espectro da realização diária de necessidades e da construção constante de sonhos, desejos, táticas e estratégias armadas. A vida cotidiana guarda em si a possibilidade de subverter as imposições programáticas características da modernidade, contém, talvez como elemento subsumido, a potência transformadora, que está aprisionada na repetição naturalizada, por isso, não é a repetição que importa na análise, mas o que provoca a sua existência, ou seja, a descoberta do momento da criação.

A vida cotidiana como centralidade na reprodução do urbano

A vida cotidiana em movimento indica os sentidos da reprodução da vida, ao menos no tempo e espaço do capital. A sociedade e suas práticas se revelam através da observação do comum, do corriqueiro. Toda novidade do mundo se encontra diluída na ação banal, na repetição automática dos gestos, das formas. O entendimento sobre o mundo é reflexo de um processo anterior que revela o caráter revolucionário do banal, em outras palavras, o que se apresenta como novidade no momento do agora pode se transformar em banalidade em um momento distante do presente. A natureza, os códigos primitivos, o mais antigo, o atrasado fica subsumido do processo em relação o novo, o rural se torna subsumido no urbano. As normas, os códigos, os avanços do processo civilizador ficam subsumidos no estágio atual do desenvolvimento, criando

novos pontos de partida social, novas zonas críticas para reflexão, legando o trabalho antigo à condição de novo ponto de partida, de nova condição de natureza, ou seja, as novas banalidades, antigas novidades, estão naturalizadas no cotidiano, e, por conseguinte na vida cotidiana.

As transformações e as grandes revoluções naturalizadas e banalizadas impõem uma dimensão “muda” da vida. Ao mesmo tempo em que a vida cotidiana, como elemento positivo, revela uma inexorabilidade para tudo e para todos, do outro lado, no possível movimento negativo de sua totalidade, ela revela os interditos, os constrangimentos e os pontos cegos.

Por definição, a vida cotidiana é a vida de todos os homens e do homem todo; do homem inteiro, como nos faz pensar Heller. Nem eu, nem você, nem nenhum ser que vive consegue evadir à condição de ser que se realiza através de um cotidiano. A vida cotidiana, campo da possibilidade, acontece como uma inevitabilidade. A vida cotidiana nos absorve completamente, física e psicologicamente, mas, essa absorção jamais revela a intensidade e a exclusividade de nossas funções. Essa ação genérica, demandante e não exclusiva é uma das características fundamentais que nos possibilita, quando posta à análise complexa, revelar comportamentos, sentidos, nexos e transcender ao ambiente imediato.

De acordo com Agnes Heller (2008) a vida cotidiana, como realidade imposta a todos os homens e ao homem todo, não se efetiva, não se estrutura, sem que sejam construídas sem *espontaneidade, pragmatismo, economicismo, analogia, precedentes, juízo provisório, ultrageneralização, mimese e entonação*. Os elementos apresentados por Heller (2008) revelam uma espécie de estrutura da vida cotidiana, que só faz sentido se entendidos como uma estrutura aberta. Estes elementos reunidos convidam a reflexões mais aprofundadas sobre a densidade da vida cotidiana. Analisados, em sua reunião, como uma estrutura que revela particularidades da ação do sujeito e da coletividade em que estão inseridos, estes elementos auxiliam inclusive a entender imposições programáticas das instituições, do mercado, do consumo, do Estado.

Frente a um conjunto de determinações, não se pode esquecer, a vida cotidiana e os elementos que a integram guardam em si uma possibilidade de inovação, de indeterminação proporcionada pela ação livre dos sujeitos (uma liberdade possível de ser discutida, examinada e contestada, principalmente no contexto da modernidade).

A *espontaneidade* é a característica mais dominante. O caráter de banalidade e repetição que representa a dimensão do cotidiano revela, sem dúvidas, os traços fundamentais da vida cotidiana, mas o programa, o roteiro, o script ensaiado por todos não é escrito como uma determinação, ele contém a universalidade do mundo, a aparente urbanidade e urbanização completa do espaço e da sociedade, o que põe esteios, pontos de apoio, mas não define a ação em

si, não compreende os desvios e os descaminhos. Essa dimensão do inusitado só é possível se entendermos a espontaneidade como parte do repertório da vida cotidiana.

É evidente que nem toda atividade cotidiana é espontânea no mesmo nível, assim com tampouco uma mesma atividade apresenta-se como identicamente espontânea em situações diversas, nos diversos estágios de aprendizado. Mas, em todos os casos, a espontaneidade é a tendência de toda e qualquer forma de atividade cotidiana (HELLER, 2008, p. 47).

A espontaneidade se fixa como uma condição necessária para a realização da vida cotidiana, principalmente quando assumimos uma impossibilidade de reflexão constante sobre todas as ações em todos os momentos da vida cotidiana. Há no ato de viver cotidianamente uma espontaneidade fundamental, um desenraizamento necessário sobre a verdade da vida, quer seja em sua dimensão formal, quer seja em sua dimensão dialética, quanto a isso não há conflitos. Há uma efemeridade no jogo das decisões da vida cotidiana, todo processo de escolha cotidiana é provisório, as motivações que acionam a vida cotidiana não entram no campo da racionalidade profunda, elas refletem posições momentâneas e por isso em constante estágio de mutação.

A espontaneidade como condição da vida cotidiana, como recurso provisório de responder a estímulos rápidos se potencializa quando pensamos na dimensão pragmática e objetiva da vida cotidiana, como lembra Agnes Heller (2008, p. 48): “o homem atua sobre a base da probabilidade [...] Jamais é possível, na vida cotidiana, calcular com segurança científica a consequência possível de uma ação”. A ação cotidiana não calcula os riscos, não mede a ação da probabilidade, assim o que está em questão é o comportamento padrão, o ponto médio entre os extremos, a ideia de segurança possível. Do outro lado do *pragmatismo* também é preciso avaliar e saber correr riscos, o julgamento sobre o que é zona de segurança e sobre a validade de correr o risco já associada a uma construção de valores probalísticos, o risco que se corre nunca é um risco individual, fruto de uma decisão particular, mas o risco é fundamental para se lançar à vida, o risco que todos corremos e o assumimos ao acordar e realizar a ação, diária e repetidas vezes.

O cálculo involuntário e não milimetricamente elaborado, as bases do sentido do pragmatismo só é possível de acontecer se assumimos que a vida cotidiana ocorre com *economicismos*, estes ocorrem na medida em que as coisas são postas a prova, mas ocorrem longe da consciência. As dimensões do permitido e do interdito surgem como um juízo de valor provisório que fundamenta o sentido da ação, que dá a possibilidade de se realizar uma atividade.

Toda a categoria da ação e do pensamento manifesta-se e funciona exclusivamente enquanto é imprescindível para a simples continuação da

cotidianidade; normalmente, não se manifesta com profundidade, amplitude ou intensidade especial, pois isso destruiria a rígida “ordem” da cotidianidade (HELLER, 2008, p. 49).

Sem querer elevar a condição da vida cotidiana para um lugar filosófico em que ela não pertence, porque não precisa pertencer, não por um interdito da filosofia, a vida cotidiana e o pensamento cotidiano estão orientados para a realização das atividades cotidianas, elas não estão interessadas em investigar as questões gnosiológicas, muito menos põem problemas epistemológicos para serem resolvidos ou considerados, por isso, o pensamento e a ação no cotidiano se referem a uma dimensão imediata, que tem como foco central a busca de soluções para a dimensão e a ordem do agora. Por isso, o pensamento cotidiano, sobre a vida cotidiana é um pensamento que opera por *comparações*, pela busca rápida pelos padrões que autorizam o pensamento a reconhecer atitudes que sejam consideradas corretas, por aproximação, por comportamento padrão.

O pensamento cotidiano apresenta-se repleto de pensamentos fragmentários, de material cognoscitivo e até de juízos que nada têm a ver com a manipulação das coisas ou com nossas objetivações coisificadas, mas que se referem exclusivamente a nossa orientação social. Na manipulação das coisas e de nossas objetivações coisificadas, a identificação espontânea do “correto” e do “verdadeiro” é a problemática (pelo menos no plano da vida cotidiana, pois aqui não falamos da ciência). Mas essa aproblematicidade termina quando utilizamos o “correto” para avaliar a possibilidade de nos movermos num meio determinado e de movermos esse mesmo meio determinado (HELLER, 2008, p 50).

A definição paramétrica do que se apresenta como verdadeiro ou como correto só tem validade enquanto as definições estabelecidas puderem fazer a vida cotidiana seguir seu curso sem chocar com outras ordens ou definições, quanto menor o atrito causado na execução da vida cotidiana, mais *precedentes* é estabelecido para a construção de um pacto comum e conseqüentemente menos interditos e constrangimentos são estabelecidos. Para acompanhar as definições de Agnes Heller, podemos reafirmar, através da autora, que não há vida cotidiana sem imitação, os precedentes ajudam a compor o cenário *mimético*² ao qual a vida cotidiana está mergulhada.

Os precedentes estabelecidos para definir o que é correto, não necessariamente são verdadeiros, os juízos não verdadeiros podem atingir o estado de corretos quando avaliados e legitimados por uma classe social ou quando representarem os interesses de um grupo específico.

² “Na assimilação do sistema consuetudinário, jamais procedemos meramente “segundo preceitos”, mas imitamos os outros; sem mimese, nem o trabalho nem o intercâmbio seriam possíveis” (HELLER, 2008, p. 55).

A verdade científica e os valores morais e éticos, como princípios filosóficos, pouco têm a ver com as definições estabelecidas na vida cotidiana. É importante notar que, mais do que em qualquer outra esfera da vida, na vida cotidiana a fé e a confiança são categorias que têm importância fundamental, elas têm a capacidade de construir esquemas valorativos e mudar construções consolidadas, de acordo com cada contexto e experiência vivida³.

A fé, a confiança, a definição sobre o que e como acreditar, a busca pela experiência coletiva da verdade e a validação do que seja verdadeiro e correto através do ato de crer põe relevo nas questões relativas aos precedentes sociais conquistados como fundamento necessário para autorizar a ação e para a definição de *juízo de valores, ainda que provisórios*, principalmente porque não são postos à prova, apenas utilizados como parâmetros imediatos de definição de verdade e de certeza, eles são factíveis a construção de preconceitos, como ideia pré-concebida, pré-julgada e provisória, os preconceitos são parte integrante das *ultrageneralizações* realizadas no âmbito da vida cotidiana. É aquilo que Heller chamou de manejo grosseiro do singular⁴.

O manejo sobre as singularidades, a verificação e o enquadramento dessas singularidades em esquemas já conhecidos é operado, na vida cotidiana, através da busca por unidades já conhecidas, por parâmetros já testados e comprovados. Por analogia, a vida cotidiana constrói as suas ultrageneralizações, as ações cotidianas conhecem o fenômeno antes da comprovação de fato, opera por dedução e depois confirma ou refuta o conhecido a priori.

A linguagem e a comunicação apresentam-se como condições fundamentais para viver cotidianamente, não há vida cotidiana sem a troca, muito mais apressurada e pouco refletida, a troca na vida cotidiana se dá como materialidade, mas é entendida como símbolo, como signo de algo que a acompanha, mas não precisa a definir.

O aparecimento de um indivíduo em dado meio “dá o tom” do sujeito em questão, produz uma atmosfera tonal específica em torno dele e que continua depois a envolvê-lo. A pessoa que não produz essa entonação carece de individualidade, ao passo que a pessoa incapaz de percebê-la é insensível a um aspecto importantíssimo das relações humanas (HELLER, 2008, p. 56).

³ “Os homens não podem dominar o todo com um golpe de vista em nenhum aspecto da realidade; por isso, o conhecimento dos contornos básicos da verdade requer confiança (em nosso método científico, na cognoscibilidade da realidade, nos resultados científicos de outras pessoas, etc. Na cotidianidade, o conhecimento se limita ao aspecto relativo da atividade, e, por isso, o “espaço” da confiança e a fé é inteiramente diverso (HELLER, 2008, p. 51-52).

⁴ “Sempre reagimos a situações singulares, respondemos a estímulos singulares e resolvemos problemas singulares e resolvemos problemas singulares. Para podermos reagir, temos que subsumir o singular, do modo mais rápido possível, sob alguma universalidade; temos de organizá-lo em nossa atividade cotidiana, no conjunto de nossa atividade vital; em suma, temos que resolver o problema” (HELLER, 2008, p. 54).

A *entonação*, pois, fundamenta-se como uma condição essencial para a realização da vida cotidiana, funciona como um duplo que media a relação em sociedade, ao mesmo tempo em que serve como reflexo do tipo de atividade de pensamento realizada como reflexo do acionamento dos códigos sociais, como serve também de parâmetro para que os outros nos avaliem. O tom, que é muito mais do que a força empregada às pregas vocais, ajuda na construção dos roteiros, das inserções, das permissões e também dos interditos sociais. Ele ajuda a regular a ação ultragenérica da vida cotidiana em movimento.

Agnes Heller propõe que existam duas condições de ação do sujeito, uma primeira relacionada ao humano genérico e uma segunda que indica o particular-individual. Estas duas denominações servem para revelar duas dimensões inerentes ao mesmo sujeito, o humano genérico é aquele que existe em ato, em construção coletiva, aquele que orienta a sua vida em relação aos princípios e valores da coletividade, ou seja, um sujeito que estabelece as suas relações com o mundo a partir do “nós”, relegando o “eu” a um momento posterior. O homem genérico é a base do sujeito social, aquele que se entende e entende o outro a partir da relação dialética estabelecida como pacto social, como projeto coletivo, assim posto, a constrição do homem genérico é uma excepcionalidade, não compreende um estado constante do homem em si, senão é o resultado de uma homogeneização. É o homem da homogeneização do pensamento abstrato, das categorias filosóficas. Em oposição, o particular-individual. Esta diferenciação é importante para entender a atuação dos sujeitos em coletividade.

A vida cotidiana abriga amplas escolhas e alternativas, ela está preenchida de possibilidades, contém em si uma coparticipação e uma coexistência de particularidades e generalidades, a vida cotidiana se apresenta como um híbrido construído entre as questões de ordem do indivíduo e da sociedade.

Concordamos com Lefebvre (1991), quando constata que a vida cotidiana, como expressão de uma forma de ser no tempo e no espaço, marca o sentido universal e assume uma fonte riquíssima de possibilidades. “A vida cotidiana universal, segundo a expressão de Hermann Broch, é o inverso da modernidade, é o espírito do tempo. Seus aspectos ou facetas são, a nosso ver, tão importantes quanto o terror atômico e a conquista do espaço” (LEFEBVRE, 1991, p. 31).

A vida cotidiana é, em si, uma complexidade de elementos, ela revela muito mais do que o passo necessário para sobreviver, ela revela os sentidos da sobrevivência, anuncia e pressupõe os sentidos do espaço do consumo e do consumo do espaço. Reflexo do campo de luta presente no espaço de ação, a vida cotidiana se apresenta como caminho criativo, e no limite da sua

definição, apresenta-se como lugar de resistência; como zona de materialização das táticas em resposta às estratégias impostas; a vida cotidiana só se enxerga de perto e de dentro, ela não supõe representação, ela é a síntese do vivido que emerge como consequência, como resposta involucrada, e indissociável, no/do percebido e concebido.

“A vida cotidiana, de todas as esferas da realidade, é aquela que mais se presta à alienação” (HELLER, 2008, p. 57). É preciso entender que a alienação sempre é em relação a algo, neste sentido, ela pode estar presente em qualquer esfera da vida. Entretanto, parece-nos fundamental destacar que a vida cotidiana do mundo moderno indica um caminho de alienação, quer seja pela sua condição programática e repetitiva disfarçada de trabalho, reprodução social, etc., quer seja pelo entendido amplo da dinâmica de funcionamento do sistema capitalista.

O mundo moderno, que é o mundo do cotidiano, só se apresenta através da sua condição de modernidade, que é o outro da cotidianidade, ao entender o movimento da cotidianidade, percebemos que ela nasce como o desdobramento da lógica de produção do capital. Os movimentos do cotidiano do mundo exibem, sistematicamente, práticas sociais que refletem uma ordem alienadora, o mundo da mercadoria se impõe ao mundo social, rompe-se um estilo, quebram-se os referenciais, a obra humana é substituída pelo produto, o trabalho é esfacelado, cada parte do trabalho segue um padrão industrial.

As relações de produção, do interior das fábricas, do chão de fábrica, tornam-se relações sociais de produção e a lógica produtiva invade o mundo através do consumo de massa, proporcionado pela indústria fordista e seus desdobramentos. Acentua-se a divisão social do trabalho, ampliam-se as diferenças entre as classes sociais. Tudo se transforma: a experiência do homem com o mundo (espaço, lugar, cidade, bairro, casa), o espaço habitado da modernidade só se entende e se enxerga em si mesmo, o velho é abandonado em relação ao novo, a prática social se esvazia para emergir em seu lugar uma cidade abstrata, o mundo real agoniza.

As dimensões da vida cotidiana são múltiplas, a cidade e a vida se tornam caleidoscópicas, tudo se transforma tão rápido e tão constantemente que os referenciais são perdidos, a forma é esvaziada de conteúdo, as funções se transformam. Qual a vida cotidiana possível? Com toda certeza não a do morar, do existir, do sentir... não se mora mais, habita-se, não como poesia, mas como reprodutibilidade técnica, como adequação a uma necessidade básica, as pessoas, as famílias, principalmente na cidade moderna, não mais vivem a casa como célula de manifestação da vida. A casa agora é alojamento e longe do local de trabalho, vendida por m² empilhado em 30 ou 40 andares. Aliena-se a vida pelo projeto de habitat.

Os estranhamentos e o mal-estar se desenvolvem com base na constituição de diferenciações de seres humanos, diferenciações não apenas localizadas no somatório dos vencimentos mensais, mas no regime que instaura esses vencimentos, na natureza da venda da força de trabalho, a temporalidade, que contém a periodicidade e o intervalo dos rendimentos. As inserções no mundo do moderno se dão por chaves diferenciadas, as portas da cidade não se abrem de forma igual para todos. Algumas não se abrem para algumas classes.

(...) a alienação adquire um sentido profundo. Ela afasta o cotidiano de sua riqueza. Dissimula esse lugar da produção e da criação humilhando-o e recobrando-o com o falso esplendor das ideologias. Uma alienação específica transforma a pobreza material em pobreza espiritual, impedindo que a riqueza seja libertada das relações constitutivas do trabalho criador conectadas diretamente com a matéria e com a natureza. A alienação social transforma a consciência criadora (incluindo os filões de criação artística latentes na “realidade”) numa consciência passiva e infeliz (LEFEBVRE, 1991, p. 40-41).

A sociedade do consumo, abreviação da sociedade burocrática de consumo dirigido, é constituída como um processo inevitável, relacionado ao movimento de industrialização e urbanização das sociedades. A alienação se aprofunda e transforma o horizonte imposto à realização da vida cotidiana. As várias imagens da sociedade, privilegiadamente do urbano, mudam a perspectiva de apropriação e de interação com o espaço de realização da vida, as fronteiras se transformam e os códigos sociais passam por uma revolução. A prática social, cada vez mais convertida em uma prática industrial, encontra-se capturada em um projeto de sociedade urbana reflexo do tempo do capital. Institui-se tempo e norma para a organização da vida, o tempo do relógio se agudiza, disciplina e encarcera o tempo do ócio. O tempo da pausa começa a ser negociado com a emergência da obrigatoriedade das férias, o cotidiano alienador e massacrante exige que se negociem formas de financiar o lazer.

O mundo observa as profundas transformações, a vida coletiva se transforma em consumo de massa e instantâneo. Impõe-se o ritmo da mercadoria e do fetiche da mercadoria sobre os sujeitos. A cidade explodida e implodida começa a ser vivida e apreendida por fragmentos, estes fragmentos se tornam o lugar por excelência de realização a vida cotidiana.

Os fragmentos da vida cotidiana se recortam, se separam em seu próprio “terreno” e se acomodam como as peças de um quebra-cabeça. Cada um deles pressupõe uma soma de organizações e de instituições. Cada um deles – o trabalho, a vida privada e a vida familiar, os lazeres – é explorado de maneira racional, incluindo-se aí a novíssima organização (comercial e semiplanificada) dos lazeres (LEFEBVRE, 1991, p. 67).

A vida cotidiana, em seus vários fragmentos, apresenta-se em um duplo movimento que caracteriza um lugar social: de um lado aparece como um resíduo que se pode identificar a partir de todas as atividades determinadas e parcelares que se pode abstrair e considerar com base na prática social, e de outro lado, como um produto, como o resultado da produção social. É contraditoriamente o lugar do equilíbrio e lugar onde se realiza o desequilíbrio (LEFEBVRE, 1991). Nesta cidade caleidoscópica de múltiplas imagens e texturas as imagens se transformam, são feitas e refeitas, mas os olhares permanecem.

A vida cotidiana acontece num lugar e este lugar é um cotidiano compartilhado entre muitas realidades: a do trabalhador, a dos agentes econômicos, a dos produtores imobiliários, a da classe média, aos abastados e a uma parcela de indivíduos subalternizados – pobres, mulheres, velhos, etc. Cada um destes e tantos outros que vivem o cotidiano da cidade (o lugar) sob suas particularidades, cada um, enquanto grupo e enquanto sujeitos sociais, revela os seus dramas, os seus conflitos, os seus constrangimentos e as suas impossibilidades.

O lugar aparece como condição de realização da vida cotidiana, o que envolve uma articulação espaço-tempo através dos usos do lugar. A relação entre habitante e a cidade através da vida cotidiana se realiza enquanto ação relacionada às possibilidades e aos limites do uso do lugar, num determinado momento histórico (CARLOS, 2001, p. 28).

Os códigos da reprodução do espaço e da sociedade impõem dimensões econômicas e políticas muito fortes de um lado, mas de outro lado apresentam as dimensões da necessidade de reprodução da vida. A reprodução da vida não pode, sob nenhuma hipótese, ser reduzida à análise das determinações econômicas como se estas fossem superestruturas.

Só se vive a cidade, com todas as dimensões do urbano que ela abarca e materializa, através dos fragmentos da cidade e da vida possível na cidade. A vida possível para a maioria esmagadora das pessoas que habita a cidade se dá através da sua realização banal, ou seja, através da **vida cotidiana**.

A construção da cidade, hoje, revela a dupla tendência entre a imposição de um “espaço que se quer moderno”, logo homogêneo e monumental, definido, ou melhor “desenhado” como espaço que abriga construções em altura associadas a uma rede de comunicação densa e rápida e de outro “as condições de possibilidade”, que se referem a realização da vida (que se acham a espreita, de modo contestatório) revelando uma luta intensa em torno dos modos de apropriação do espaço e do tempo – um processo que ocorre de modo, profundamente, desigual revelando-se em seus fragmentos (CARLOS, 2001, p. 28).

O corpo é a primeira chave de compreensão e de apropriação do espaço, a vida cotidiana é vivida pela apropriação através do corpo, mas o corpo não entendido como peso material e físico, mas como centro de controle dos sentidos e das sensações; entendido como capacidade sensorial responsável por ajudar as pessoas a se conectarem com a cidade e com as questões postas. É o corpo que nos possibilita o acesso ao mundo. O corpo, em análise relacional, aparece como um elemento espacial, ao mesmo tempo em que fisicamente separado, o corpo e a corporeidade que ele evoca, acionam os elementos do espaço, possibilitam a conexão do indivíduo com o lugar, da sociedade com o espaço; o corpo é extensão da vontade; é meio para experimentar o mundo. Como tal, o corpo é parte constitutiva e fundamental para a formação da prática sócio-espacial.

A análise da vida cotidiana envolve o uso do espaço, pelo corpo, o espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas: as relações de vizinhança o ato de ir às compras, o caminhar, o encontro, os jogos, as brincadeiras, o percurso reconhecido em uma prática vivida / reconhecida em pequenos atos corriqueiros e, aparentemente, sem sentido que criam laços profundos de identidade, habitante – habitante e habitante – lugar, marcada pela presença. São, portanto, os lugares que o homem habita dentro da cidade e que dizem respeito a sua vida cotidiana, lugares como condição de vida, que vão ganhando o significado dado pelo uso (em suas possibilidades e limites). Trata-se, portanto, de um espaço palpável, real e concreto (CARLOS, 2001, p. 29-30).

É o espaço real e concreto, palpável, mas ao mesmo tempo polimorfo, e polifônico que é preciso capturar. Inegavelmente esse espaço existe como materialidade produzida, ou seja, como determinação social, econômica, política e cultural, mas ele só pode ser capturado, na contemporaneidade, pelo fragmento do seu movimento, sempre considerando a sua condição de totalidade, mas resgatando a dimensão sensível da sua constituição.

A vida cotidiana mais do que um caminho aleatório e banal é considerada a conexão possível com o mundo real e concreto. Ela revela a abertura objetiva e subjetiva do espaço, concentra as imposições materiais da vida na modernidade, ao mesmo tempo em que abre a possibilidade de descobrir os resíduos, ou seja, aquilo que escapa às imposições economicistas.

É inegável que toda a construção contemporânea reforça visões buscando reproduzir as imposições etéreas e homogêneas do espaço abstrato, ou seja, aquilo que se constrói como imposição, não como o resultado de práticas sócio-espaciais. A condição contemporânea múltiplos desafios ao acontecer da vida, cada vez mais fragmentado e particularizado. Ao mesmo tempo em que a sociedade se amplia e o número de pessoas aumenta em quantidade e demandam mais qualidades relacionais construídas com base em um projeto que evoque as dimensões

coletivas, contraditoriamente a vida se encapsula em ordem, ritmo e questionamentos privados e privativos. É nessa chave que a vida cotidiana revela a necessidade de se construir relações em conjunto, o espaço da realização da vida só é possível de ser entendido como reunião, como encruzilhada de todas as vidas.

Considerações Finais

As várias entradas apresentadas ao longo do artigo ajudam no debate de que a vida cotidiana, apesar de seu lugar não filosófico, apresenta-se como uma possibilidade contumaz de entender os sentidos da vida e o impacto das imposições do capital na reprodução do urbano. A repetição e banalidade que compõem a vida cotidiana revelam antigas revoluções sociais. Nesta perspectiva o exame detalhado da vida cotidiana pressupõe entender os sentidos da apropriação coletiva.

A reprodução social implica uma materialização espacial e essa junção revela uma prática social que no mundo atual é cada vez mais uma prática urbana. A prática é o ponto de partida e o ponto de chegada das reflexões, por isso, entender as determinações que caracterizam o conjunto da prática social urbana é indispensável para ser capaz de problematizar o processo de produção e reprodução do urbano.

A reprodução ampliada do capital impõe um ritmo e um tempo aos homens que não é um tempo de natureza, por isso, tempo estranhado e artificial controlado pelos ponteiros do relógio e alinhados à capacidade produtiva. O urbano surge como reflexo deste tempo e a ele é designado um espaço que reflete estas relações. Não obstante, os nexos, as junções, as relações entre o momento da produção e o momento da realização da vida não são claros. A vida cotidiana, neste contexto, ajuda a entender as racionalidades que impõe um código estranhado, mas que se reproduz como inevitabilidade.

A vida cotidiana apenas em observação não revela os significados, mas fornece subsídios para a reflexão, dimensão necessária e inegociável ao se elaborar estudos que tenham como objetivo compreender o processo de reprodução do urbano na atualidade. Com base nisso reforça-se a necessidade de se estudar as estruturas teóricas e os significados práticos dos conceitos de cotidiano, cotidianidade e vida cotidiana.

Referências

CALVINO, I. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

CARLOS, A.F.A. *Espaço-tempo na metrópole: A fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. *A (re)produção do espaço urbano*. São Paulo: EDUSP, 2008.

_____. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 2011.

CARLOS, A.F.A. (org). *Crise Urbana*. São Paulo: Contexto, 2015.

HELLER, A. *O cotidiano e a história*. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *A produção do espaço Urbano*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. (trad. Grupo “As (im)possibilidades do urbano na metrópole contemporânea”, do Núcleo de Geografia Urbana”) do original: *La production de l’espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). (Texto não publicado).

_____. *A revolução urbana*. 3 ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LIMA, A. M. *Cadê meu tempo que estava aqui?*. Petrolina: SINDUNIVASF, 2017. Textos para discussão n. 6, 1/08/2017. Disponível em <https://sindunivasf.wordpress.com/2017/08/01/cade-meu-tempo-que-estava-aqui-textos-para-discussao-n-6/>, acesso em 5/08/2017.

SEABRA, O. C. L. *Urbanização e Fragmentação: Cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão*. São Paulo: FFLCH/DG, 2003. (Tese de Livre Docência).